

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CENTENÁRIO DE DORIS DAY

7 e 9 de Setembro de 2022

LOVE ME OR LEAVE ME

AMA-ME OU ESQUECE-ME / 1955

um filme de CHARLES VIDOR

Realização: Charles Vidor *Argumento:* Daniel Fuchs, Isobel Lennart *Fotografia:* Arthyr E. Arling *Montagem:* Ralph E. Winters *Música:* George Stoll *Direcção artística:* Cedric Gibbons, Urie McCleary *Cenografia:* Jack D. Moore, Edwin B. Willis *Guarda-Roupa:* Helen Rose *Caracterização:* William Tuttle, Sydney Guilaroff, John Truwe *Interpretação:* Doris Day (Ruth Etting), James Cagney (Martin Snyder), Cameron Mitchell (Johnny Alderman), Robert Keith (Bernard V. Loomis), Tom Tully (Frisbischer), Harry Bellaver (Georgie), Richard Gaines (Paul Hunter), Peter Leeds (Fred Taylor), Claude Stroud (Eddie Fulton), Audrey Young, John Harding (Greg Trent), etc.

Produção: MGM Metro-Goldwyn-Mayer (EUA, 1955) *Produtor:* Joe Pasternak *Cópia:* DCP, cor (Eastmancolor), 122 minutos, legendada electronicamente em português *Estreia:* 26 de Maio de 1955 *Estreia comercial em Portugal:* 2 de Abril de 1957, Lisboa (cinemas São Luís, Alvalade) *Primeira exibição na Cinemateca.*

Love me or leave me
Let me be lonely
You won't believe me and I love you only
I'd rather be lonely
Then happy with somebody else

You might find the night time
The right time for kissing
But night time is my time
For just reminiscing
Regretting instead of forgetting
With somebody else

There'll be no one
Unless that someone is you
I intend to be independently blue
I want your love

But I don't want to borrow
To have it today and give back tomorrow
For my love is your love
No love for nobody else

...

Love or Leave Me (Walter Donaldson, Gus Khan, 1928)

Haverá quem seja áudio-transportado para a interpretação de Billie Holliday, haverá quem faça ligação directa a Nina Simone, vozes de duas versões excruciantes de *Love Me or Leave Me*, canção de muitas ilustres outras. Ella Fitzgerald, Bob Haring, Peggy Lee, Bing Crosby, Miles Davis, Sarah Vaughn, Bryan Ferry, para dar uma ideia. Menos pessoas lembrarão que, escrita no mesmo ano por Walter Donaldson (letra) e Gus Khan (música), a canção foi popularizada em 1928 por Ruth Etting (1896-1978), cantora e actriz do teatro, cinema e rádio dos anos 1920 e 30, então conhecida como “America sweetheart of song”. Três décadas depois, a partir dos estúdios da MGM em Hollywood, Doris Day deu uma segunda vida de ultra-popularidade ao tema (por si editado na Columbia num álbum de *hits* de 1958) nesta produção de Joe Pasternak em que justamente interpreta a personagem de Etting à luz dourada da MGM. Um *biopic* musical num primoroso Eastmancolor em CinemaScope.

Love Me or Leave Me é o último tema do filme realizado por Charles Vidor, a canção do desfecho consumado o drama, num epílogo que procura o remate da dignidade. Doris Day canta plena de gravidade assertiva na noite de abertura do clube nocturno do marido de quem a sua personagem Ruth Etting quer divorciar-se, Martin Snyder, recém-saído da cadeia por disparar alguns tiros de puro ciúme no homem por quem ela está (há muito) apaixonada. “Martin Snyder apresenta Ruth Etting”

no piscar das luzes da fachada incandescente do clube em que ele acaba, num plano de costas, à barra do bar enquanto ela canta, com o terceiro elemento do vértice a recuperar num hospital de LA. As cores do cenário são vermelhas, como no plano inicial do filme, noutra clube, noutra cidade, mas aí tingindo o vestido dela. Agora tudo se perdendo, alguma elevação se resgata entre aqueles dois, num final de cinema. É uma boa despedida, mas pode defender-se que nem é o número mais memorável de *Love Me or Leave Me*, atentando ao momento em que Day canta *Shaking the Blues Away*: ainda em Chicago, onde tudo começa – “Chicago, anos 1920” é a legenda sobre-impressa no plano 1, uma bola de espelhos – logo se percebendo que a protagonista há-de ensaiar alguma coisa de retumbante, sem querer a vida de corista na qual está manifestamente fora de água (“You’re diferente. You’re going places.”, na expressão irónica de uma parceira de camarim / “That’s right.”), há um momento em que tudo muda: a rapariga em que um pianista repara quase ao mesmo tempo em que o rufia-mafioso dá por ela, já se apaixonou pelo pianista e já percebeu que o rufia-mafioso pode ajudá-la a ter a carreira de cantora a que mais do que tudo ambiciona; também já percebeu que terá mesmo de pagar por isso o preço que o pianista (Johnny, a personagem interpretada por Cameron Mitchell) lhe disse que pagaria; e então, antes da sequência que precipita capas de jornais e revistas naquela voragem das sequências que fazem avançar a narrativa marcando a elipse que, no caso, é a do êxito meteórico da cantora já não corista e ainda não estrela de cinema, começando pela notícia do casamento entre Ruth e Martin, Doris Day canta *Shaking the Blues Away*.

“All too soon / We had to part / The moment you had touched my heart / And with you went my dream / All too soon / All too sweet / Was our affair / And you put all the sweetness there...” Em *Shaking the Blues Away* estamos então em Nova Iorque, são as Ziegfeld Follies, depois de Chicago e antes de LA, três cidades para três momentos da vida de Etting. Cenografia e coreografia condizem, tudo muito azul e vagamente selvagem vagamente à esquadria, sombras *noir* a servirem o número de palco, a voz dela está mais firme, a coreografia é eloquente, a planificação não menos expressiva. O subtexto fica selado pouco depois, num diálogo entre marido-empresário e mulher-artista: “You don’t have to sell me. I’m sold.” Com a crueza necessária. Dir-se-ia que é um dos melhores momentos do filme, e de Doris Day. Há um anterior, estranhíssimo, em que num novo número musical (*Everybody Loves My Baby*), por instantes, um plano do torso bailante-lilás-prateado de Doris Day ocupa o enquadramento na vertical, fazendo literalmente dela uma mulher sem cabeça (e sem a compostura loura e bem maquilhada da sua imagem).

Não era para ter sido. Ava Gardner é apontada como uma primeira escolha para o papel de Etting e Spencer Tracy para o de Martin Snyder, que James Cagney viria a interpretar ao lado de Doris Day. É no desamor que cresce entre as personagens da dupla, decalcadas da realidade da vida pela ficção hollywoodiana com as necessárias distâncias, que a história se centra (deixando de lado o lado gangster de Martin “Moe” Snyder, de alcunha “Moe the Gimp” pelo coxeio da perna esquerda). O divórcio do casal e a tentativa de homicídio vêm da biografia, que as verídicas pessoas “venderam” à MGM. Quanto à história da verdadeira Etting em Hollywood, salda-se numa série de curtas e quatro longas-metragens nos anos 1930, de que se destaca *Roman Scandals* (Frank Tuttle, 1933). Do que se sabe, Snyder não gostou do retrato, a personagem desgraçada e pulha composta por James Cagney não lhe caiu bem. Sob o brilho dos “valores de produção”, a história conjugal de *Love Me or Leave Me* é substancialmente feia, mais um retrato de uma relação abusiva que desencontrada.